

# ECOS

## da Academia de Saberes



---

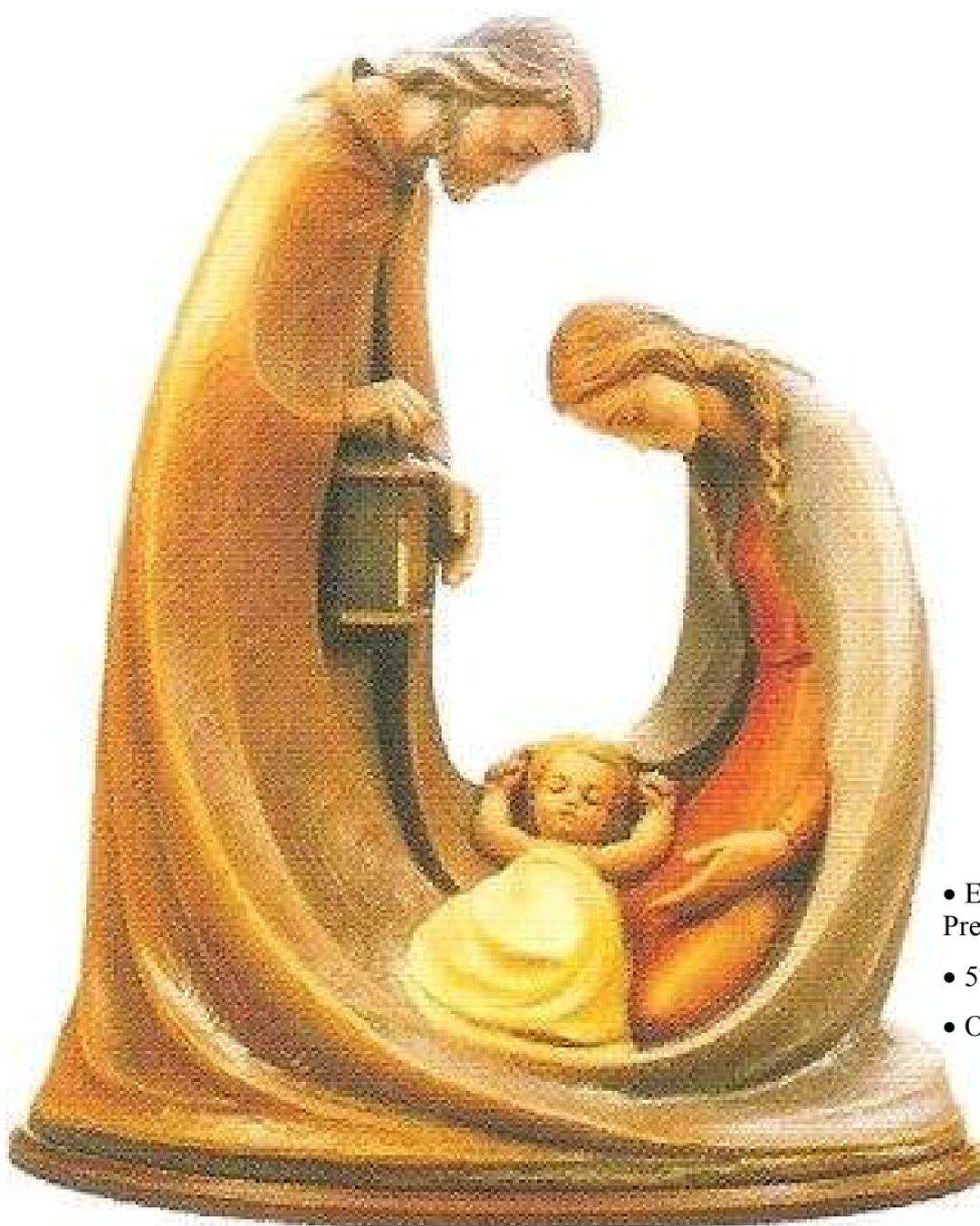
Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telem. 963420530

---

Ano IV - Nº 1    Dezembro 2009



### **Nesta Edição**

#### ***Em Foco***

- Entrevista com o Presidente da Direcção
- 5º Aniversário da ADSA
- O mundo das palavras



## Ficha Técnica

*Ecoss da Academia de Saberes*  
Academia de Saberes de Aveiro

### Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

### Informatização e Paginação

A. Coutinho Dias e M<sup>a</sup> Cacilda Marado

### Colaboradores desta edição

Amorim Figueiredo  
Anne Bartlett  
António Coutinho Dias  
Conceição Neiva  
Elisabeth Azevedo  
Ermelinda Damas  
Esmeralda Assunção  
Graciete Santos  
Isabel Maria Almeida  
Joaquim Carmona  
José Carreto Lages  
José Manuel Cachim  
Leonilde Oliveira  
Lindonor Silveirinha  
Lourdes Oliveira  
Maria Cacilda Marado  
Maria Celeste Salgueiro  
Maria Helena Fidalgo  
Maria José Sampaio  
Maria Manuela Salgueiro  
Maria Teresa Albuquerque  
Rosinda de Oliveira

## Editorial

Sempre Natal.

Sempre Natal quando os homens partilham o pão, a alegria, a concórdia, a esperança e a paz.

Sempre Natal quando reconhecem as suas falhas e aceitam as dos outros com compreensão.

Sempre Natal quando o dar-se está nas suas mentes e nas suas acções.

Sempre Natal quando as razões se diluem e se abrem caminhos de compaixão.

Sempre Natal quando as vontades se transformam na vontade de fazer o bem.

Sempre Natal quando deixamos Jesus renascer nos nossos corações.

*Maria Cacilda Marado*

## Pontos de vista

### Trabalho de casa

É Outono e hoje é o dia 1 de Outubro, dia mundial da música.

É certo que eu não nasci para a música, mas ela tem-me acompanhado sempre em muitas ocasiões e até nas tarefas mais prosaicas. Foi o que aconteceu hoje de manhã: era dia de fazer sopa. Já na cozinha, às voltas com o descascar da cebola e das cenouras, liguei o rádio. Falava-se de Vivaldi e do seu virtuosismo como violinista e compositor. No remate de algumas notas biográficas, convidava-se o ouvinte a escutar “As Estações”. Aceitei o convite. É sempre um prazer ouvir de novo esta música.

Apercebi-me de que os três andamentos que compõem o Outono são muito mais alegres que os do próprio verão. Vivaldi estava certo.

O torpor dos dias quentes já tinha passado. As vindimas tinham acabado, a azáfama é grande na preparação do vinho. É altura de cantar e dançar, porque a colheita já está terminada e foi boa com certeza. Pelas matas movimentam-se os caçadores, foge a caça aflita. Esta alegria é toda ela enquadrada por uma apoteose de côr. As vinhas e as árvores, já quase todas libertas da sua obrigação das flores e dos frutos, dão-se ao luxo duma garridice feita de tons de amarelo e castanho. Os medronheiros cobrem-se de bagas vermelhas e os castanheiros mostram os ouriços cheios de castanhas. As abóboras dão o seu toque de amarelo pelos campos.

Não resisto a transcrever umas linhas dum poema de Torga, sobre um dia de Outono:

“Eu, simplesmente digo  
Que há tanta fantasia  
Neste dia,  
Que o mundo me parece  
Vestido por ciganas adivinhas,  
E que gosto de o ver, e me apetece  
Ter folhas, como as vinhas.”

Torga, como o compositor, estava certo. O Outono de Vivaldi não me sugere o cair da folha nem a melancolia dum Inverno anunciado. Pelo contrário. Sente-se na música a força da natureza que se renova e o prazer do convívio que diverte. Acredito que o chamado “Outono da vida” também pode ter ainda alguma dessa energia benéfica e vários andamentos bem alegres.

Vivaldi ajudou-me no meu Trabalho de Casa e a sopa até ficou boa.

Viva o Outono! Viva a Música!

*Esmeralda*





## Saudades do Verão

Difícil não sentir emoção!

Lá longe, cores riscadas na horizontal lembrando as "Linhas de Água" do pintor Pomar.

Azul-escuro com laivos de laranja... já lá vai indo o Sol...

Em direcção a si, azul esverdeado, depois o verde, verde-mar, pois claro e, quase já debaixo dos seus olhos, o amarelo doirado das areias com leves sombreados do cair da tarde.

Hora mágica, hora do "raio verde" da sua juventude.

Ah! Juventude crédula. Antes como agora...

"Viste o raio verde?"

Dá felicidade, pede que te satisfaça um desejo".

E toda a gente via, garantia que via, no momento exacto em que o sol se escondia.

E fica olhando...

Sua mente faz um giro de 180° e lembra agora uma imagem de um poente longe da praia.

Um pôr do Sol dourado e verde, um Sol que já só espreita pelo rendilhado das árvores, lá para os lados do horizonte.

Os verdes que se começam a pintar de amarelo e avermelhado ganham agora um toque de euforia. À volta, o ambiente fica alaranjado e depois, lentamente, todo o arvoredo fica sombreado.

Regressa ao mar, à praia onde realmente está, à realidade.

Não tarda será o momento do tal "raio verde" e mais uma vez vai mentir, como na sua mocidade!...

Eu vi, eu vi... só para sonhar...

Já se escondeu, de todo, o Sol; há prenúncios de que o Verão vai acabar.

Corre uma aragem e também um arrepio!

A noite desce agora e o mar é cinza escuro, mas ainda ondula manso.

Sente frio. O resto... esbate-se.

*Maria José Sampaio*

## Postal da Neta Joana

(enviado ao avô Cachim)

Querido avô

Soube pela avó que andas na academia dos saberes e eu perguntei-lhe logo porque é que andas nos saberes se já sabes tanto eu também sei que tu não és lá muito para estudar sabes que a avó contou-me dos teus tempos de estudante deves ter estudado muito porque agora que estás velho estás a querer aprender ainda mais parece-me que não é bem por isso mas tu lá sabes se calhar é para

passares o tempo melhor agora que deixaste de trabalhar e como estás sempre bem disposto e gostas de contar anedotas e fazer rir cheira-me que é por isso mas está bem se gostas de lá andar anda que eu também ando na escola para aprender e o pai já me contou que para se chegar ao tempo de não fazer nada como tu tem que se estudar muito também sei que não deves fazer exames nem provas nem nada pois quando estou na tua casa não te vejo a estudar só a ver televisão com os olhos fechados porque penso que já sabes os filmes de cor hoje não me apetece escrever mais um beijinho da neta amiga

*Joana*

## Do bacalhau e outros peixes

Bacalhau – o peixe tão querido dos portugueses!

Bacalhau – tão saboreado nas festas e especialmente na véspera de Natal. Sabe que o bacalhau do Atlântico é um dos muitos peixes ameaçados por excesso de pesca? Talvez já seja altura de pensarmos em comer menos bacalhau e escolher mais frequentemente outros peixes...

Mas atenção. Há muitos outros peixes ameaçados, incluindo o atum, a pescada, a raia e o salmão. Talvez os mais ameaçados sejam os das espécies de profundidade como o tamboril, o peixe-espada preto, o alabote da Gronelândia e a merluza negra. Os peixes vermelhos, tão saborosos, estão em vias de extinção. Tudo por causa da pesca excessiva e dos danos causados nos frágeis *habitats* nas profundezas dos oceanos.

Então, que peixes podemos comer? – De aquicultura, claro, e outros, que não façam parte da "lista vermelha" da *Greenpeace*. A cavala é o exemplo dum peixe gordo e bom para a saúde. Aconselho-lhe uma visita ao site da *Greenpeace* ([www.greenpeace.pt](http://www.greenpeace.pt)) para descobrir mais sobre os oceanos em perigo e a lista vermelha dos peixes.

Bom Natal, com bacalhau na mesa! Mas pense também no futuro. Será possível aos seus netos ter sempre bacalhau na mesa do Natal?



*Anne Bartlett*





## Morte (Algumas Reflexões)

Para o leitor, talvez o incomodativo deste título do *Ecos*, o faça passar adiante e a ler coisas mais interessantes!

Ora, ora quem o escreveu e subscreveu? Mais uma razão! Que vá dar uma volta ao bilhar grande, como nós costumamos dizer! Quero lá saber da morte! Ela que venha quando quiser, que eu já cá estou! Ora o atrevido! Mas que é que ele pretende?

Diabo, e se eu lesse? Também ao fim e ao cabo, é só uma página, e assim faço a vontade à responsável pela edição do *Ecos*, e depois digo-lhe que li tudo; ela até era professora e gostava que os alunos fizessem as obrigações, lendo os textos para depois comentar.

Raios, vamos lá a ver o que é que ele quer!

Ai é? Então vamos lá, mas quero que esqueça se não gostar e não ande para aí a dizer mal do autor...

A morte, segundo os dicionários, é o fim da vida seja ela qual for, mas, no caso que nos importa, da vida humana. Será mesmo assim? Então os cristãos não falam na vida eterna, na vida para além da morte do corpo carnal e que nessa altura o espírito se desprende do corpo e se eleva para o Além, para o céu, para Deus? Será que a morte é um estádio de vida, de passagem para a outra vida, a eterna? Será que, em sentido biológico, não estaremos a morrer continuamente nas nossas células de descamação da pele, do cabelo que nos cai, das unhas que vamos cortando com a tesoura? Então, se assim é, estamos sempre a morrer e sempre a renascer, só que enquanto somos novos, nascemos mais do que morremos, pois são mais as células que nascem do que as que morrem e menos desde que se inicia a velhice em que se morre mais do que se nasce, até à morte da última célula viva do nosso organismo, que, dessa forma, deixa de ser corpo para ser cadáver. E quando somos amputados de uma perna ou de um braço ou de outro órgão qualquer, não são partes que morrem e nós não continuamos vivos, ou seremos uns mortos vivos em partes desiguais? E não há amputados dos quatro membros e que são da mesma forma seres vivos, homens vivos? Tudo isto me parece válido quando se fala de morte biológica, celular.

Mas poderemos ter outras *mortes*. Ora, o homem que vai morrer é considerado como ser de relação e só se considera morto se essa relação se perder temporária ou definitivamente. Já pensámos na morte social com a reclusão nas prisões, em que se está morto para a sociedade, mais evidente nos países que infelizmente ainda contêm na sua legislação a pena de morte, e que mesmo assim se mantém vivo para a família? Ou na morte familiar

com a viuvez, em que o consorte restante perde grande parte da sua inclusão na sociedade, passando tanta vez a ser solitário, como aliás sucede com frequência no reino animal? Ou na morte profissional, quando se atinge a reforma e se fica isolado no banco do jardim, sem as relações que se tinha com os colegas de trabalho, entrando-se em declínio progressivo, a que se segue a morte biológica, parecendo que todos os órgãos se cansam de viver sem o aconchego perdido? (Nem todas as pessoas têm acesso a uma Academia de Saberes que, com a graça de Deus nos faz reviver, retirando-nos da concha que, natural ou artificialmente, construímos, raspando a camada de ignorância que nos cobre se não nos libertarmos pela troca de conhecimentos, ou do mutismo mental pela falta de relação). Ou uma morte espiritual, quando se perde a fé ou a crença na vida eterna e se pensa que a vida se perde totalmente com a perda do corpo? Será que podemos chamar a estes os mortos vivos, ou até pelo contrário os vivos mortos?

Bom, então a morte será uma irreabilidade, uma ficção? Eu sei que o leitor já me está a definir como pouco normal nos meus raciocínios, mas não será que convivemos diariamente com a morte na vida e que culturalmente a continuamos a considerar como uma ordenação a que todo o ser vivo sexuado está condenado? Então, se assim é, devemos procurar tirar partido da nossa vida, até ao fim dos dias vividos, com optimismo, sempre com a convicção de que a morte não é mais do que uma etapa para a vida futura, a vida celestial que tem de se conquistar neste mundo em que cada vez a matéria manda mais do que o espírito e que levou Sócrates (o filósofo grego do século V A.C.) a dizer “quando é que me livrarei deste corpo imundo que só quer gozo e prazer e riqueza material”, sendo o espírito identificado com a consciência. Parece que já me estou a alongar demasiado, mas só digo como o meu amigo Padre Vasco: “que a tua vida seja como um tapete que vais tecendo e fazendo com que o avesso (a tua consciência) seja igual ao direito, que todos vêem, as tuas obras”. Que procures ser coerente entre o que pensas e o que fazes. Se assim procederes, a morte será para ti um acto final, consequência lógica de uma vida vivida no corpo para passar a ser vivida no espírito. Esperada e, se não desejada, pelo menos será entendida como o devir correcto da nossa passagem por este “vale de lágrimas”, porque não o soubemos interpretar segundo a doutrina de Cristo ou da razão.

E por hoje fico-me por aqui. Que alívio, diz o leitor! Para que é que me hei-de incomodar com estas coisas, se há tantas e tão boas que só necessitam de um pequeno embotar da consciência... Eu é que também não tenho culpa, embora seja o culpado deste arrazoado...

*Amorim Figueiredo*





## Sentir o Outono

O calendário marcou a data. Logo a minha neta Matilde, nos seus 6 anitos plenos de vivacidade, me anunciou a chegada do Outono. E falou do vento, da chuva e do frio, mas os seus olhos brilharam de entusiasmo ao apontar as folhas que começavam a cobrir o chão, numa paleta de cores que só por si identificavam a estação que ora se iniciava.

Sorri para ela, e o sorriso reflectiu-se para dentro de mim. A escola estava a funcionar, aquela menina estava preparada para observar e, a pouco e pouco, iria entender e sentir as marcas que o tempo, indiferente às nossas vontades, vai deixando à nossa volta... vai deixando em nós.

Recordei então a menina que também eu fui, recordei os bancos da minha escola, recordei aquelas redacções de sempre: - Começou o Outono e no Outono...

E sentir o Outono? Sim, eu já o tinha sentido.

Senti-o no estalar das folhas, no prazer de pisar esses tapetes que rodopiam numa dança de fantasia sem fim.

Senti-o ao contemplar a vastidão da praia, deserta do bulício e do colorido dos guarda-sóis de outros dias.

Senti-o no frutificar da natureza, na recolha duma graça sempre renovada.

Senti-o na luminosidade tranquila do pôr-do-sol.

Senti-o nos bancos dos jardins, na passividade daqueles corpos de cabelos brancos, mãos abandonadas nos colos e olhares perdidos no tempo.

Como hoje, porém, nunca eu tinha sentido o Outono! Tudo para mim é novidade!

Senti o esforço de procurar e apanhar castanhas.

Senti a dor do espetar dos ouriços nas minhas mãos sem experiência.

Senti o olhar terno das vacas que me fitavam de longe, inseguras pela minha presença, sem ousarem avançar, petrificadas numa doce quietude.

Senti um estranho ruído, um ruído único para mim, um ruído que me fez estremecer de susto e de emoção. Que era aquilo? Olhei à volta. Castanheiros de enormes braços abertos, castanheiros a perder de vista... e o vento agitando as ramadas... E eu, ali pequenina, debruçada apanhando castanhas pela primeira vez na vida, e sentindo o Outono como nunca o tinha sentido!

*Lourdes Oliveira*

## O Mundo das Palavras

### E a palavra nasceu

I

Nesse tempo era exuberante e anónima a natureza. Havia a vida e a morte, havia a luz e as trevas. Sons descodificavam mistérios, assinalavam o esplendor e o terror: o uivo nocturno dos predadores... a música auroral dos pássaros... a incessante batida do mar... o estrondar das tempestades... o leve sapateado da chuva sobre as folhas... a tosse aflita das árvores esganadas pela ventania. Distante ainda a gestação da palavra.

II

Nesse tempo pés nus inventavam caminhos. À frente seguiam os olhos decifrando sinais: a sombra sobre a areia... o grafismo das pegadas... a ferida aberta por estilhaços de estrelas no corpo da floresta... a granítica barreira no fio do horizonte. Gestos nus sublinhavam a nudez do brado, do urro, do gargalhar. Nas gargantas imperfeitas, a semente da palavra germinava devagar.

III

Quando? Como? Impossível abrir um rasgão na opacidade do mistério. Imaginemos pois. Imaginemos a frescura da água sobre a pele... ou a dor de um membro trucidado... ou o bruto esforço dos músculos removendo pedras... ou o pássaro que gorjeia escondido na folhagem. Imaginemos o primeiro ensaio, os lábios abrindo-se como cortinas, a dança rudimentar dos fonemas. Uma onomatopeia que passa de boca em boca. Uma palavra que se cola na memória. A conjugação de significado e significante. O ícone verbal.

IV

Acaso? Epifania? Evolução espontânea? Num tempo impossível de datar, frágil, titubeante, a palavra nasceu. E depois outra... outra... outra... Então tudo na terra teve nome. E a palavra se fez pensamento, se fez progresso.

*Helena*

### Palavras no Mês de Novembro

O mês de Novembro está na agenda das minhas recordações, pois, ao longo da vida, foram-me acontecendo coisas bem marcantes, como o meu casamento, por exemplo, há muitos anos atrás. Também foi neste mês, mas muito mais recentemente, que faleceu o meu saudoso pai. Mas não esquecerei jamais que foi num dia frio e chuvoso do mês de Novembro que ouvi a sentença dos médicos do IPO





de Coimbra, dizendo-me que tinha um cancro de mama e que o caso era muito grave. Lembro ainda as palavras então ditas:

- Minha senhora, embora o seu caso seja muito grave, nada está perdido; vai fazer alguns tratamentos, seguidos de cirurgia e vamos esperar que tudo vá correr bem.

Como o mundo das palavras é interessante, pois dá-nos a hipótese de reter na nossa mente aquilo que de facto nos interessa. De tudo o que foi dito, só fixei a última parte, “esperar que tudo vá correr bem”.

E graças a Deus e a todos os que me ajudaram naquela época, familiares e amigos, não esquecendo a equipa médica fantástica que me seguiu, recuperei a saúde temporariamente perdida.

Em 2007 foi criada a Extensão de Aveiro, do Movimento Vencer e Viver da Liga Portuguesa Contra o Cancro, movimento existente para apoiar as mulheres vítimas de cancro de mama e seus familiares. Sou uma das voluntárias desta Extensão, que funciona num gabinete do 5º piso, cedido dois dias por semana pelo Hospital Infante D. Pedro. O nosso trabalho consiste no atendimento das utentes deste serviço, proporcionando-lhes a aquisição de material adequado, bem como o apoio emocional e marcação de consulta psico-oncológica gratuita, sempre que se torna necessário.

Quando a mulher nos procura pela primeira vez, depois de ter sido sujeita a uma cirurgia da mama, vem fragilizada e algo receosa, frequentemente angustiada e não raramente deprimida.

É então que o testemunho da voluntária se torna indispensável, porque só é voluntária deste movimento, quem já passou pela mesma experiência.

Cada uma das voluntárias manifesta-se do seu jeito, expressando-se de uma forma estritamente pessoal, mas como se encontra envolvida por belos sentimentos de gratidão por ter recebido a sua vida de volta, encontrando-se agora na posição de doadora ao serviço de uma causa nobre e digna, o resultado é sempre surpreendente. A mulher fragilizada recupera a confiança, sorri, e quando sai do gabinete com uma nova imagem, estou convicta de que a vida dela será encarada, a partir daquele momento, de um ponto de vista mais positivo, confiante e optimista.

São as palavras impregnadas de cumplicidade e de amor, repletas de ternura e de carinho que promovem as boas mudanças, levando as pessoas a acreditar que os milagres ainda existem.

Mas quantos de nós, ainda agarrados a velhos sentimentos de orgulho e vaidade, não nos

deliciamos a agredir os outros com palavras duras e amargas como o fel, causando tristeza, desmotivação e até desespero?

Vale a pena reflectir no mundo das palavras e no que, a este respeito, escreveu Aldous Huxley, escritor inglês, (1894 -1963) que viveu grande parte da sua vida nos Estados Unidos da América:

«As palavras permitiram-nos elevar acima dos animais, mas é também pelas palavras que, não raro, descemos ao nível dos seres irracionais».

*Elisabeth*

## Voz das palavras

São como um pesadelo  
as palavras martelando  
em meus ouvidos

Falam-me de amor  
de histórias antigas  
pedaços de magia  
sorrisos de flores  
bocejos de lírio,  
cestadas de alegria

É uma música atordoante  
que me sacode  
e não me deixa um pouco sequer  
descansar minhas mágoas de mulher  
meu tormento de melancolia

Doces e salgadas  
pintalgadas de nostalgia  
agarram-me e levam-me  
embalada a fugir, a gritar  
a correr a esquecer  
abanando-me fortemente  
com suas garras  
até eu acordar  
e tudo desvanecer

Mas nunca acordo  
e fuja ou fique  
todo o mundo aqui  
mora dentro de mim

onde ouço mil vozes  
surdas de tambor  
de festa de funeral  
ou de clarim

Mil vozes cá dentro  
bem dentro de mim

*Rosinda*





## As Palavras

Palavras...

Soltas, simples, singelas  
Na boca de toda a gente  
Afinal que nos dizem elas?

Palavras...

De dor, alegria, esperança  
E que sentimentos mais?  
É a força das palavras  
A exprimir nossos ais

Palavra amiga

É a que toca o coração  
Quando alguém está triste  
E chora de emoção

E as palavras vãs?

"Leva-as o vento", diz o velho ditado  
Ou será que ficam cá dentro,  
Qual segredo bem guardado?

## Poema Acróstico

As palavras

Soltas pouco dizem.  
Palavras, palavras, palavras  
Andam soltas pelo ar  
Livres voando ao vento  
Aproximam-se das nuvens  
Viajam pelo mundo inteiro  
Regem-se pelas emoções  
Afinal...  
Sorrir, também é comunicar

*Leonilde*

## As nossas Leituras

### Os Novos Contos da Montanha de Miguel Torga

Vinte e dois contos saídos das entranhas da montanha numa vigorosa explosão de mensagens carregadas de um poder mágico e bárbaro, exótico, único, fortemente apelativo que consegue agarrar e prender o leitor mais renitente.

Linguagem dura, cortante, incisiva e selvagem, tal como as personagens que emergem das fragas e barrancos, por domesticar, agrestes e acusadoras na

sua nudez de criaturas fora de tempo e apegadas a uma realidade para nós incompreensível e chocante.

Torga vasculha em fragas e solavancos, por entre correntes abruptas de águas revoltas e atmosferas selvagens para daí arrancar a paisagem também ela selvagem e agressiva, os traços, os gestos, os costumes, os desejos, as decisões e as falas das suas personagens. Que ao natural e abruptamente escarrapacham perante os nossos olhos incrédulos e desconfiados, vivências, situações e cenários jamais imaginados em que uma beleza incontestável e indomavelmente selvática e violenta nos sacode e incomoda, deixando nas entranhas de cada um o espinho da revolta e da incompreensão.

E é assim que o escritor vai desenrolando, com a força invulgar e irreverente da sua caneta, uma série de peripécias todas elas únicas e interrogativas que nos batem à porta, justificando a alma com a força e a violência das suas específicas caracterizações tão coladas àquele chão, que dir-se-ia brotarem dele naturalmente.

Difícil se torna escolher um dos contos ou apreciar em pormenor um ou outro factor, pois todos eles são tão relevantes e especiais que o melhor é desistir da escolha. Todavia, como estamos em época de Natal, vamos pegar na consoada de Garrinchas.

Como sabem, Garrinchas era um velho pedinte de Lourosa. Como aqui pouco ou nada angariava, pôs pernas ao caminho, atravessou a serra até Loivos onde realmente conseguiu o bornal bem recheado, mas o pior é que queria regressar a Lourosa para o consoar e a noite caía e com ela a neve com seu manto de flocos de algodão. Por isso, impossível avançar. Estava a meio caminho, no ermo coração da serra. Tentou pois aquecer o corpo cansado e enregelado. E ainda bem que alcançara a capelinha da Senhora dos Prazeres. Após muitas tentativas e com o auxílio dos papéis das gavetas do altar e até madeira do andor, lá conseguiu que o lume pegasse nas urgueiras verdes e molhadas. Feita a fogueira, enxuto e aquecido, Garrinchas prepara-se para consoar. Tira do bornal um naco de presunto, tira pão... Mas repara na Senhora do altar com o Menino no colo e que parecia sorrir... Então disse-lhe:

“É servida?”

Sem mais delongas, vai ao altar e traz a imagem.

“Consoamos aqui os três” – disse com a pureza e a ironia dum patriarca - “A senhora faz de quem é, o pequeno a mesma coisa e eu, embora indigno, faço de S. José”.

*Rosinda*





## A nossa Academia fez cinco anos!

### Porquê

Sabia que a cidade não bastava,  
Sabia que o Café não dava afecto,  
Sabia que a semana se alongava  
E o domingo a passagem pelo deserto

Então sonhei que numa Academia  
Seríamos mais sábios, mais amigos,  
Pensei que na Amizade construída  
Teria mais razão nossa existência.  
E os dias se encheriam de magia  
Nas aulas, nas viagens, nas vivências.

O Sol brilhou depois com mais fulgor.  
P'ra trás ficou o tédio e a solidão.  
Nos rostos imperou largo sorriso,  
Venceu-se esse fantasma a depressão

Nasceu enfim do sonho acreditado  
Este lugar de laços e emoções,  
Onde cada um é estimado  
E todos nós unimos corações.

*Maria Teresa Albuquerque*



## E já tem cinco anos a nossa Academia

Com as suas fundadoras, Maria Teresa Albuquerque e Florinda Huet e Silva, e com o Professor Doutor Manuel Rodrigues, então vereador da cultura da Câmara de Aveiro e a Dra. Anabela Saraiva, colaboradora daquele departamento, ambos peças inquestionáveis do nascimento da Academia de Saberes de Aveiro, viveu-se, no dia 20 de Novembro, no Salão Nobre da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, um momento alto da existência da nossa instituição. Efectivamente, os corpos dirigentes actuais não quiseram deixar em branco mais esta página da história da nossa jovem Academia. Assim, proporcionaram-nos um momento cultural muito acolhedor, a que não faltaram as flores, o bolo de aniversário e a amizade de todos os que, ao longo deste percurso, têm mimado a Academia. Os que a ajudaram a **Ser** foram homenageados com as primeiras medalhas que a ilustram. Obrigados, Teresa, Florinda, Professor Manuel Rodrigues e Dra. Anabela pelo empenho e pela dedicação que a actual Direcção quer continuar a perseguir.

*Área de Comunicação*

### Procura de Caminho

Vestido com o silêncio das paredes  
do familiar apartamento,  
desdenhava do aparelho da televisão  
a anunciar de momento  
energias verdes,  
enquanto o gato  
empoleirado na ponta do seu sapato  
lhe roçava a perna fria,  
alçando a cauda com felina mestria.  
Era a ternura a ordenar o instinto,  
que a ração pedia.

Revisitava os encontros e desencontros do passado,  
no labirinto do pensamento  
e de súbito, parado,  
de pé,  
como uma estátua,  
recorria, p'ra precário alento  
à almofada da fé.

Lá fora, havia o tabuleiro das ruas  
na imensidão de toda a cidade,  
e nela a vida exposta, a pulsar de liberdade.  
Mas, quem garante o que pode acontecer  
por crua maldade,  
ou por mero acaso,



às pessoas que se cruzam e está a ver?

E olha aquele que passa  
Pelo outro, sem o outro ver,  
lado a lado, ombro raso!;  
não há palavra, uma graça,  
um bom dia, boa tarde, boa noite,  
isso já é demais -  
quanto mais  
um olhar ou a flor dum sorriso p'ra oferecer.

O tempo do trabalho activo, diário, constante,  
passou;  
e ele passou: a ser, apenas, mais um;  
mais um, apenas número. Que é do mérito que tinha  
se é que tinha mérito algum?

Procurou  
e encontrou  
o outro que frequentava a Academia.  
Outro, como ele, fiando a vida  
com o corpo e a alma, como podia.  
E solidário, outrem conheceu  
que lhe falou da experiência  
de si, da ética como ciência,  
do que viveu e como viveu,  
do que sabia da chegada e da partida  
e do nunca descoberto céu,  
da história, das artes e da dança

do ser integral, com vida.  
E nesta procura, - nunca é tarde! -,  
reencontrou da fugidia felicidade,  
uma via;  
encontrou, nos Saberes da Academia  
o melhor do que sobrava e do que havia.  
O que nos aquece - o sol da amizade -  
o que nos conforta - a esperança -  
o que nos dá saudade  
- a música e a poesia -  
como no longo tempo dos sonhos de criança!

*Carreto Lages*



## Os nossos Filmes

### Nunca é tarde...

Nalgum momento da “vida”  
Desejos intensos surgem,  
Nem sempre bem definidos,  
Não passando de sonhos esbatidos  
Mas muito acarinhados.

Teimosamente desejados,  
Ardentemente esperados,  
Reflectindo tanta “persistência”

Que, o “tempo” determina  
A tão desejada ocorrência.

Quando se atinge os quarenta anos de idade e se sente insatisfação, depressão, não havendo, aparentemente, nada que tal justifique, pois há uma carreira com estabilidade económica e uma relação amorosa (embora não levada muito a sério), alguma coisa não está bem. O que será?

É este o tema desenvolvido no filme, com o título “Nunca é Tarde”, que impressiona, não só pela sua profundidade e veracidade, como pela forma como o assunto é abordado. Assim, na fase mais conturbada da vida do protagonista surgem memórias, baseadas em diálogos com ele próprio, quando tinha oito anos, que o fazem recordar situações e sonhos que ele tinha procurado esquecer: a tristeza de ter perdido a mãe; um pai que não o soube apoiar suficientemente; as suas inseguranças compensadas com sonhos: ter um cão, pilotar aviões, casar e ter filhos.

A presença constante desta criança acompanha o adulto na procura da sua identidade actual e só desaparece depois de ambos visualizarem o futuro: vêem um homem com cerca de cinquenta anos de idade, devidamente equipado para pilotar o avião ao qual se dirige rodeado pelo cão, os filhos e a mulher que é precisamente, a de quem eles gostam. Antes, porém, de entrar, o adulto, que eles irão ser, dirige-se-lhes para dizer que é muito feliz, pois tinha conseguido realizar todos os seus sonhos. Nesse preciso instante, ele sabe o que deseja verdadeiramente da vida. Ser feliz!

É pensando no passado e prevendo o futuro que ele constrói o presente, procurando a colega para assumir o amor que os une... levando consigo um lindo cachorrinho.

Com este final feliz, o filme pretende transmitir uma mensagem muito importante. Nunca se deve desistir de sonhar e de procurar realizar esses mesmos sonhos. Com determinação e esperança, alguns vão sendo concretizados. E enquanto não são... só o sonhar já dá alento para ultrapassar as muitas dificuldades da vida.

Como se diz, não é o “sonho que comanda a vida”?

*Conceição Neiva*





***(...) a convivência, a troca de saberes, a aprendizagem e a actividade em si, muito contribuem para contrariar a inacção, o alheamento, o isolamento e, desta forma, evitar depressões e outras situações de solidão (...)***

**Entrevista com o Presidente da Direcção da Academia de Saberes de Aveiro,  
António Coutinho Dias**

**Ecoss da Academia de Saberes (E. A.): - Como é que se sente no desempenho do seu cargo?**

**A. Coutinho Dias (C. D.):** - Sinto-me bem. Esta é a resposta natural, mas também há um “mas”. Quero eu dizer que, nesta altura, já um pouco mais tranquilo, porque as coisas estão em andamento e a rolar normalmente, mas para aqui chegar não foi fácil. Nós “apanhámos o comboio” com algum atraso para fazer as inscrições e preparar o novo ano... Acontece que também quisemos introduzir alterações em relação ao que vinha do antecedente, porque cada um tem o seu método de trabalho, e a inovação tem os seus custos. Por outro lado, esta pretensão também correspondia, de certa forma, a algumas das intenções de quando nos candidatámos e, por isso, não queríamos arrancar logo “coxos”.

**E.A.: - Qual lhe parece ser o impacto da Academia na nossa cidade?**

**C. D.:** - Penso que a nossa Academia está a ser muito reconhecida e acarinhada na nossa sociedade. Na minha óptica, o mérito é de todos, ou seja, dos órgãos sociais, mas também dos Académistas, pela palavra que passam a amigos e conhecidos, fazendo o elogio das nossas actividades. Outrossim, as aparições públicas, embora em reduzido número para o meu desejo, nomeadamente com os grupos de canto, danças e música, têm catapultado a nossa Academia para o reconhecimento público, o que se vem tornando cada vez mais evidente.

**E. A.: - Sabemos que a existência da Academia tem ajudado a resolver alguns problemas pessoais dos sócios. Quer comentar esta afirmação?**

**C. D.:** - A partir do momento que tive conhecimento que alguns dos nossos sócios chegaram até nós a conselho médico, fiquei com uma percepção mais realista de como é válida e importante a nossa existência. Certamente que a convivência, a troca de saberes, a aprendizagem e a actividade em si, muito contribuem para contrariar a inacção, o alheamento, o isolamento e, desta forma, evitar depressões e outras situações de solidão, que só agravam a nossa vivência. Há dias,

uma académista chegada recentemente às nossas actividades, comentava para um elemento da Direcção *que era muito bom ter vindo até aqui, pois há muitos anos que não era capaz de andar sozinha na rua, à noite, e agora já tinha conseguido...* Penso que este facto é suficientemente elucidativo.

**E. A.: - Atendendo a que a Academia de Saberes tem muitos sócios inscritos, e que o espaço de que dispõe para as actividades lectivas é muito limitado, como é que pensa resolver esta situação?**

**C. D.:** - Até agora, e depois da nossa posse, já se inscreveram 64 novos sócios. De momento, nós temos 304 sócios com quotas em dia, ou seja, consideramos que temos esse número de sócios “efectivos”. Nós desenvolvemos 22 actividades distribuídas por 34 turmas, para além de clubes de cinema, de língua inglesa e sobre a Europa. Ora, a gestão de toda esta actividade requer muito espaço. Para o efeito, para além das salas que ocupamos no “Edifício Fernando Távora” cedidas pela Câmara Municipal de Aveiro, também utilizamos, a título de aluguer, o salão do “Recreio Artístico” para as danças e uma sala da “Escola Homem Cristo” para uma actividade semanal de informática e ainda instalações da “Escola José Estevão” para a área de fotografia, estas gratuitamente.

Vamos, com algumas dificuldades, dando satisfação às necessidades, mas o que de facto era adequado era dispormos de um espaço próprio onde pudessemos desenvolver todas as nossas actividades sem dependermos de terceiros e sem lhes causar eventuais incómodos...

**E. A.: - E quanto a apoios económicos... O que se lhe oferece dizer sobre o assunto?**

**C. D.:** - Entendo a pergunta no sentido de subsídios ou dádivas. Assim sendo, a nossa Academia não tem tido apoios financeiros de qualquer espécie. Vamo-nos bastando, com um orçamento rigoroso e equilibrado, com as receitas provenientes das quotas e das propinas recebidas dos Académistas. Contudo, em abono da verdade, também é bom reconhecer que a





Câmara Municipal de Aveiro tem ajudado em vários aspectos. De facto, para além da cedência das instalações já referidas, não pagamos água, luz e internet e, pontualmente, tem cedido uma viatura para algumas deslocações. Também nos tem sido prestada a colaboração de dois formadores do departamento “Aveiro Digital”, na área de informática.

**E. A.: - Cada ano que passa é motivo de mudanças na nossa Academia. Diga-nos quais são as alterações mais significativas implementadas pela nova Direcção.**

**C. D.:** - Como já referi, cada pessoa tem o seu método de trabalho e iniciativas e maneira de actuar com um certo cunho pessoal, sempre considerado no âmbito do grupo.

Quando nos candidatámos, elencámos várias das iniciativas que pretendíamos levar a efeito. Algumas delas já foram introduzidas e outras sê-lo-ão a seu tempo.

Para responder mais concretamente à pergunta, terei de referir que a nova Direcção, nomeadamente, já estabeleceu um protocolo com uma farmácia local para a concessão de descontos nos produtos ali adquiridos pelos Academistas, decidiu diminuir o preço das propinas em relação ao ano anterior, já começou a divulgar as contas dos eventos realizados e iniciou um sistema de contabilização e controlo das contas com apoio informático. Para além disto, vimos a dar maior ênfase ao recurso a meios informáticos, com uma significativa dinamização do *site* e contacto com os Academistas através de *email*. Também constituímos um seguro de acidentes pessoais para todos os sócios com quotas em dia e quando em actividade da Academia, por um ano. Igualmente, adquirimos um órgão para maior facilidade da aula de canto e um telemóvel para melhorar o contacto de e para a Academia.

**E. A.: - Possivelmente, alimenta determinados sonhos em relação à Academia de Saberes. Podemos saber quais são?**

**C. D.:** - Quando pararmos de sonhar, será o fim... Mas, na realidade, das várias coisas que me passam pela cabeça, também algumas delas são repercussão do muito que vou ouvindo (e é bom saber ouvir...), há uma que, para mim, como se costuma dizer, depois da grandeza e qualidade (por que não dizê-lo?) que a Academia já atingiu, a obtenção de instalações independentes e suficientes para a realização de todas as actividades desenvolvidas era “a cereja em cima do bolo”. Vamos a ver se o

sonho se traduzirá alguma vez em realidade... De igual modo, tudo o que contribua para manter as pessoas activas, possibilite a partilha de experiências e uma integração harmoniosa é salutar para uma vida mais alegre que se deseja a todos os níveis...

Como sói dizer-se: *o sonho comanda a vida* e sonhar é o melhor de tudo!

## Passeios & Companhias

### Viagem ao Buçaco



O dia acordou chuvoso. Os mais prevenidos socorreram-se dos atavios próprios para a ocasião. Mas a natureza e a vida aprontam-nos surpresas. Na verdade, do emaranhado das nuvens vieram as espreitadelas do sol que acabou por se impor, finalmente. E rumámos a Oiã, à Igreja Matriz, para saborearmos a arte de conservar o engenho dos homens. Sim, ali está bem patente como se faz novo do velho. É que os retábulos, a tribuna e os quadros vieram do convento de Santa Ana de Coimbra, depois de o convento ter sido fechado pela morte da última religiosa. As preciosidades do dito convento foram distribuídas por várias capelas e igrejas e também chegaram a Oiã. Ainda há quem tenha ouvido dizer dos mais velhos que o seu transporte foi feito por pessoas de boa vontade que puseram os seus carros de bois à disposição para as transportar.

Mas avancemos neste relatar da visita de estudo que as áreas de Comunicação e de Património levaram a cabo.

A etapa seguinte foi a descoberta, ou o reencontro, das Caves Aliança. Com um *visual* diferente, em que sobressai o cuidado colocado no arranjo geral, enriquecido por algumas obras do comendador Joe Berardo. Ao sabor das palavras da guia que nos acompanhou e das intervenções oportunas do Dr. Amorim deambulámos pelos diferentes espaços que





nos mostraram como é que da uva que dos campos brota se chega ao precioso néctar que alegra almas e corações. Afinal, o que aconteceu no almoço que se seguiu em que a nota principal foi o convívio alegre entre os que, pertencendo a áreas de aprendizagem diferentes, puseram em comum saberes que a todos enriquecem. Bem patente esteve também o apreço que todos têm pelos seus formadores e a vontade de *defenderem a sua dama*. Disseram-se poemas a preparar a ida ao Buçaco, que se seguiu ao almoço, discutiram-se pontos de vista com entusiasmo. E à mesa, à roda do leitão, regado com espumante de diferentes sabores. O arrancar dali não foi sereno; prenúncio, talvez, duma digestão mais demorada...

Depois, foi o Buçaco, novamente conduzidos pelo formador de Património, o Dr. Amaro Neves. Degustando a natureza da mata nacional, num final de tarde de Outono, detivemo-nos na Porta de Coimbra, deixando vir a nós sentimentos, experiências, vividas ou sonhadas, pelos monges Carmelitas Descalços no lugar por eles designado desta forma: “Este lugar é o paraíso terrestre, irmão, a porta do céu, a porta do convento.” O seu deserto e, por que não, o deserto almejado por muitos de nós neste mundo de agitação e de instabilidades em que vivemos? O sabor do silêncio, da pujança da natureza, e o reconhecimento da pequenez e finitude humanas, certamente, foram mais algumas notas que ressaltaram desta ida à mata do Buçaco.

O regresso a casa foi caloroso, as meninas bem comportadas presentearam-nos com os seus trabalhos de casa e outra, mais afoita, com os seus predicados poéticos de contadora.

*Maria Cacilda Marado*

## Buçaco

Em tempos bem remotos se fixaram  
Pelo bosque sagrado, em oração,  
Ermitas solitários que espalharam  
Suas crenças, com fé e devoção.

À vida recolhida se entregaram  
No convento, que é casa de união,  
Carmelitas austeros que deixaram  
Para os vindouros, marcos de missão.

E as árvores centenárias quais luzeiros,  
Guiam-nos p’los caminhos avivando  
De todo esse passado, a memória...

P’la mata, brotam fontes e cruzeiros  
E o real palácio, evocando  
A epopeia dum povo e sua História.

*Manuela Frade Trindade Salgueiro*

## Viagem ao Douro Monumental

A turma de História da Religião tinha planeado uma viagem de estudo para o fim do passado ano lectivo. Não podendo realizar-se nessa altura por vários motivos, só agora foi concretizada, nos dias vinte e um e vinte e dois de Outubro.

Como prevíamos, foi uma viagem proveitosa e muito interessante, organizada e orientada pelo professor da disciplina, senhor Padre José Manuel que, como sempre, tão bem nos informou e com paciência e sabedoria ia tirando as dúvidas de ocasião que sempre surgem quando há interesse, brindando-nos ainda com o encanto dos fados de Coimbra que tão bem sabe interpretar.

Em rimas simples aqui fica o relato da nossa viagem:

Começámos em Aveiro a viagem  
Em dia de clima duvidoso  
E fomos respirar aquela aragem  
Do Douro encantado e formoso.  
Aldeias lindas, iam salpicando  
Muito ao longe a serra, como flores  
E a neblina suave, ia pairando,  
Abrindo-se ao sol tímido, em mil cores.

À senhora dos Remédios, em romagem  
Fomos primeiro, para a bênção pedir.  
Mas houve quem descesse com coragem  
Seiscentos e trinta e seis degraus, sem desistir!...

E assim, a manhã lá decorreu  
Animada, o grupo bem contente  
Em Bretiande, “stop”, cabrito aconteceu!  
Foi bom, tivemos foi que dar ao dente.

Tarouca, mosteiro medieval  
Escondido em terras bem distantes,  
De Cister, o primeiro, em Portugal,  
Com arte e beleza deslumbrantes!  
Em tempos recuados se fixaram  
Monges, que fundaram o convento  
E nas encostas e vales plantaram  
Em socalcos, florestas e sustento.

Salzedas mantém a imponência  
Apesar das ruínas degradantes,





Era bom que houvesse uma “Excelência”  
Que o fizesse voltar ao que era dantes.  
Já sentíamos o gosto do licor  
De Sabugueiro, “Sambuco” nomeado.  
Que pena! Não testámos seu sabor,  
Por tão bom ser, estava esgotado...

Nestas terras, pequenas, escondidas  
Em vales e montanhas de magia,  
Floresceram maravilhas esquecidas  
Que é urgente trazer à luz do dia.  
Em Ucanha, a ponte atravessámos,  
Das antigas portagens, a memória,  
O rio Varosa contemplámos,  
E moinhos e ruelas e casas com História.

Fez-se noite e todos já cansados,  
À “Casa dos Retiros” fomos ter.  
Os anos da juventude foram evocados  
Num jantar, de sabores e prazer...

Em Lamego, antiga sede do Bispado,  
Terra de património secular,  
O nosso olhar quedou-se abismado  
Na sé e no museu, a deslumbrar!

E as bolas, de gosto tão variado:  
De bacalhau, sardinha ou presunto,  
Deixaram todo o grupo incentivado  
Para estudar melhor um tal assunto.  
Umhas bolas foram feitas à maneira,  
Outras, com azeite, amassadinhas à mão  
E mesmo que nos dê certa canseira  
Teremos que aprofundar bem a questão.

Nas caves Murganheira e Castelinho  
Fomos em estudo aplicado.  
Com provas tais, de champanhe e de vinho,  
Fizemos todos, excelente mestrado.

O autocarro, às vezes oscilava  
Nas voltas deste Douro encantado.  
Não sei se era a cultura que pesava  
Ou a carga, com que vinha recheado.

No Pinhão, contemplando os azulejos,  
Concluimos que esta viagem de magia  
Superou bem os nossos desejos  
Em paisagens, convívio e alegria.

O nosso Portugal, simples, pequeno  
De vales e montanhas a florir,  
Encerra em cada palmo de terreno  
Tesouros à espreita... a descobrir...

Houve portanto nesta Academia  
De novo, simples troca de saberes  
E assim vamos vivendo cada dia  
Com cultura, amizade e outros prazeres...

*Maria Manuela Frade Trindade Salgueiro*

## Viagem à Escócia

No final do ano lectivo 2008/2009, realizou-se uma viagem à Escócia, organizada pela Direcção da Academia na altura vigente.

O grupo, constituído por doze sócios da Academia, aderiu entusiasticamente ao circuito “Tesouros da Escócia”, proposto pela agência de viagens “Abreu”.

A viagem decorreu entre os dias 5 e 12 de Julho, isto é, 8 dias e 7 noites. Durante a estadia na Escócia tivemos sempre um guia espanhol.

O percurso foi a partir de Aveiro, em direcção ao aeroporto Sá Carneiro, no Porto (via autocarro) > Frankfurt > Edimburgo. No regresso, o mesmo percurso mas em sentido inverso.



### Notas de Viagem e Itinerário

#### • 1º dia, 5 de Julho, domingo:

Partida do Porto, depois de viagem em autocarro de 19 lugares, alugado para o efeito, desde Aveiro até ao aeroporto Sá Carneiro. Embarque para Frankfurt às 12.15h. Após o tempo de transbordo no aeroporto de Frankfurt, chegada a Edinburgh cerca das 16.30h.

Passeio a pé pela cidade, num primeiro contacto com a vida e o ambiente da capital escocesa.

#### • 2º dia, 6 de Julho, segunda-feira:

Visita panorâmica pela cidade, em autocarro, com guia.

Edimburgo é cidade património mundial, desde 2000. Na cidade, sobressaem as construções do século XVII e XVIII, nomeadamente, os palacetes do estilo





neoclássico, de aspecto uniforme, a par de dois tipos de arquitectura: a georgiana e a vitoriana.

A cidade tem duas partes distintas: a cidade nova (“georgian new town”), com planeamento urbano, e a cidade velha (“royal mile” ou “old town”).

Foram feitas também visitas ao castelo de Edimburgo, à catedral St. Giles (de estilo gótico, com ricos vitrais), ao palácio da rainha Mary Stuart, do século XVI (incluindo a observação dos aposentos e as jóias da coroa dos últimos reis da Escócia) e ainda ao Museu Nacional de Edimburgo.

- **3º dia, 7 de Julho, terça-feira:**

Partida em direcção ao Norte da Escócia, de autocarro, com tempo chuvoso e húmido, embora com breves aberturas. Aliás, como é habitual na Escócia, mesmo em tempo de verão.

Passagem pela ponte “Forth Bridge”, inaugurada em 1890, pelo príncipe de Gales, mais tarde rei Eduardo VI. Em 1964, em complemento daquela, a rainha Isabel inaugurou a “Forth Road Bridge”, não só para carros como também para comboios. Estas duas pontes ligam Edimburgo a Fife e ainda a outra importante cidade, Aberdeen.

Indo de Sul para Norte, observam-se diferenças a nível da paisagem e do solo. As terras altas, as “Highlands” são mais férteis do que as terras baixas. É importante salientar que foi no século IX que se formou o reino da Escócia, pela união das Terras Altas e das Terras Baixas, sendo o primeiro reino constituído da Europa. Os povos caledónios e pictos foram os ascendentes dos escoceses.

Continuando, passagem por Dundee, cidade industrial e costeira, onde se observou e fotografou o barco de expedição científica “Discovery”, que rumou ao Pólo Sul em 1901, comandado pelo infelizmente Robert F. Scott. Agora, é exibido como peça de museu, ao ar livre.

Visita ao castelo de Glamis, que foi residência de infância da rainha mãe, D. Isabel e onde nasceu a princesa Margarida.

Passagem pela zona costeira de Stonehaven, zona rica em bacalhau e arenque.

Observação do Castelo de Dunnottar, que serviu de cenário ao filme “Hamlet”.

Continuação da viagem até Aberdeen, capital do petróleo, na Escócia. Aberdeen é uma cidade nova, cinzenta, sem monumentos históricos, mas com uma universidade bastante avançada, nas áreas de engenharia e alta tecnologia, relacionadas com a forte exploração do petróleo. Foi graças à descoberta do petróleo nesta zona, nos anos 70, que a cidade se desenvolveu.

- **4º dia, 8 de Julho, quarta-feira:**

Percurso pela “Rota do Whisky”, em especial Speyside, local de nascimento do fabrico do whisky. Visita à destilaria de whisky “Glenfiddich”, em funcionamento desde 1887, situada na comarca de Speyside, com explicações detalhadas, dadas por simpáticas guias locais. Observação das fases e mecanismos do fabrico do whisky. Por fim, provas de whisky.

Mais tarde, observação de uma abadia beneditina em ruínas, do século XIII, na pequena cidade medieval de Elgin, em plena rota das destilarias.

Passagem por Inverness, capital das “Terras Altas”.

Visita ao Fort George, do século XVIII, junto ao rio Moray, com uma bela arquitectura militar. Actualmente, funciona como quartel e Museu Militar. Situa-se junto ao mar do Norte e na foz do rio Ness.

- **5º dia, 9 de Julho, quinta-feira:**

Partida, em autocarro, até ao famoso e misterioso lago Ness, o lago do “monstro”.

Cruzeiro, em barco turístico, sobre o referido lago, com 36 km. de extensão. Este lago faz parte de uma fissura glacial que divide as Highlands do Nordeste para Sudoeste. O lago está rodeado de montes verdejantes e vários castelos, como o Urquhart e o Eilean Donan.

Continuando, a caminho da ilha de Skye, deparamos com vários tesouros da Natureza: montanhas verdejantes, rios, cascatas e fiordes.

Dormida na romântica e calma ilha de Skye, num hotel à beira-mar.

- **6º dia, 10 de Julho, sexta-feira:**

Viagem em ferry-boat em direcção a Armadale.

Continuação da viagem, por autocarro, pelo “caminho das ilhas” até à cidade de Fort Williams, situada no sopé da montanha mais alta da Grã Bretanha, a “Ben Nevis”. Trata-se de uma cidade costeira, simpática, cheia de sol e movimento, ao lado de fiordes e portos naturais.

Costeando os belos fiordes, rumou-se em direcção a Oban, zona de veraneio desde o século XIX, de temperaturas amenas, graças à corrente quente do Golfo. Com um acolhedor porto, a região de Oban é também conhecida por “Riviera Escocesa”.

Dormida num hotel estilo vitoriano, em frente a uma baía calma, tendo sido possível ver o pôr-do-sol às 10 horas da noite.

- **7º dia, 11 de Julho, sábado:**

Saída de Oban em direcção ao lago Lomond e ao histórico castelo de Sterling.





Passagem pela pitoresca povoação de Inveraray com o seu castelo e paragem junto ao palácio dos Duques de Argyll.

Observação do Lago Lomond, o maior do interior da Escócia, com muitas ilhotas, perto de Glasgow. Belo e romântico, este lago é mais importante que o lago Ness. É cantado e pintado por artistas há vários séculos.

Em Sterling, recordam-se as lutas pela independência da Escócia, sobretudo com a emblemática batalha da Ponte de Sterling contra os ingleses, no Século XIV. Sterling é o centro político do nacionalismo escocês, ligando-se fortemente ao seu herói, William Wallace, o bravo escocês que muito lutou pela independência da Escócia.

Houve ainda oportunidade de visitar o palácio renascentista, dentro do castelo de Sterling, de finais do século XV, construído por arquitectos franceses.

Ainda em Sterling, almoçou-se num hotel/restaurante do século XVIII, “Golden Lion”.

Após o regresso a Edimburgo, alguns elementos do grupo da Academia, foram ver um alegre espectáculo musical, na Play house, “Singing in the Rain”. Fez-se o regresso ao hotel, a pé, pelas ruas da cidade a cantar, já perto da meia-noite!

• **8º dia, dia 12 de Julho, domingo:**

Da parte de manhã, alguns elementos do grupo visitaram a Galeria Nacional de Arte Contemporânea e outros assistiram a uma missa católica, numa igreja também católica, próxima do hotel.

Saída, depois de almoço, em direcção ao terminal de partidas do aeroporto, para a viagem de regresso a Portugal.

Após cinco horas de espera no aeroporto de escala de Frankfurt, chegámos ao Porto à meia-noite. E depois a Aveiro, uma hora mais tarde. Tal como na ida do primeiro dia, fez-se o trajecto de ligação entre o Porto e Aveiro, numa carrinha fretada para o grupo da Academia de Saberes.

Apesar de um pouco cansativa, devido ao facto de termos de mudar muitas vezes de hotel, a viagem foi muito proveitosa e animada.

*GM*

## **Passeio a Macinhata e Sernada do Vouga**

Foi em 28 de Outubro  
Que um Grupo da Academia  
Rumou até Macinhata  
No comboio do Vale do Vouga  
Dispondo de um belo dia



Como alimento à Cultura.  
Com paragem nas estações  
Desfrutámos da paisagem  
E também do são convívio  
À mistura com “flash”  
Das máquinas a disparar  
Nas mãos de alguns peritos.

Chegados a Macinhata  
O Museu Ferroviário  
Foi o lugar visitado  
E, por todos, aguardado  
Onde a Guia nos esperava  
Vinda da Câmara de Águeda.

Na secção museológica  
De tudo havia um pouco  
Desde os bancos e lanternas  
Aos telefones e relógios  
Usados antigamente  
E que, agora, são memória.

Depois... as composições  
Bem expostas e referenciadas  
Desde a locomotiva a vapor  
Até à Dresine de Inspeção  
Passando pelas carruagens  
Tudo foi examinado.

Seguiu-se o passeio pedestre  
De Macinhata a Sernada.  
Valeu-nos a ajuda do tempo  
Que, a todos, proporcionou  
Respirar um bom ar puro  
E... apreciar a paisagem!...

Chegados a Sernada  
Seguiu-se a visita ao local  
Daqueles que ainda folgavam  
Da caminhada volvida  
Porque... aqueles que gemiam  
Ficaram-se a repousar.

Finalmente o almoço  
Bem servido e bem regado  
Serviu, como lenimento,  
Da fraqueza já sentida  
E... do esforço dispensado  
Das caminhadas volvidas!

Apanhado o comboio  
De regresso para Aveiro  
Todo o Grupo animado  
Manifestou alegria  
Por um dia bem passado  
E em sã camaradagem.

*Ermelinda Damas*



## Passeio na Ria de Aveiro

Organizado pela Área “Coisas do Mar”, realizou-se no passado dia 23 de Maio, um passeio pela Ria de Aveiro, que se iniciou cerca das 11h e terminou às 18h.

Um grupo de 30 elementos da Academia percorreu um autêntico labirinto aquático, a bordo de uma lancha fretada para o efeito.

Houve, assim, oportunidade de observar atentamente uma série de canais secundários adjacentes aos canais principais, pequenas ilhotas, marinhas de sal, algumas delas abandonadas ou transformadas em viveiros de peixes e os “palheiros” (casas de apoio às marinhas). Já perto da foz do rio Vouga, avistámos ainda o chamado “Monte Farinha”, que é uma ilhota maior onde existiu uma quintinha, com animais, árvores e uma casa.

Numa perspectiva aquática, observámos também diversos navios, nomeadamente, o navio-escola “Sagres” e o navio-museu “Santo André”.

Relativamente ao percurso, saímos do canal que atravessa a cidade de Aveiro, passámos pelo Canal das Barcas, em frente ao porto de pesca costeira, seguindo pelo Canal de Mira, em frente à Praia da Costa Nova, Canal de S. Jacinto, Canal de Ovar e Bico da Murtosa. Aqui, atracámos, por alguns minutos, para tomar café, numa esplanada, à beiraria, depois de termos almoçado no barco um “arroz de pato”!

Retomando o passeio pela ria, seguiram-se a bordo alguns momentos de animação, com música alegre, para dançar. Depois, assistimos a um sketch apresentado pelo Tibério Paradela (“If I was a rich man”) e também a uma paródia com o “comandante” José Manuel Cachim.

A caminho do regresso, foi-nos proporcionado um apetitoso lanche com bolos e champanhe fresquinho...

Passando novamente em frente a S. Jacinto e à Gafanha da Nazaré, regressámos todos bem e a bom porto, à nossa bela cidade de Aveiro.

GM

## Visita à Casa Museu de Miguel Torga

O Clube de Poesia planeou e efectuou uma visita de estudo, no passado dia 2 de Abril, à casa de Miguel Torga, situada na praça Fernando Pessoa, em Coimbra.

Esta visita tinha como objectivo principal não só conhecer o espaço onde o poeta viveu os seus últimos anos de vida como também compreender as suas vivências e até a sua personalidade, reflectidas, em diversos aspectos, naquele espaço concebido pelo próprio poeta.

Recorde-se que Miguel Torga faleceu em 1995 e só há pouco tempo a casa onde viveu foi transformada em museu pela Câmara Municipal de Coimbra.

A deslocação até à cidade de Coimbra foi feita por via ferroviária.

Após a minuciosa e esclarecedora visita, com o agradável acolhimento da guia (funcionária camarária), que estava à nossa espera, conforme o combinado, seguiu-se um longo passeio a pé, por diversas ruas da cidade, observando e fotografando algumas casas decoradas com belos painéis de azulejo.

Em seguida, houve uma breve paragem no Jardim Botânico, adstrito à Universidade de Coimbra.

Finalmente, o regresso, cerca das 17.30h, a partir da Estação Nova, em direcção a Aveiro.

GM

## Notícias da Academia

### Nos 25 anos da Escola Jaime

#### Magalhães Lima

Uma homenagem a este  
“Esteta da Língua”

Eu e os meus pares da disciplina de Espanhol, acompanhados pela professora, deslocámo-nos à biblioteca, onde logo à entrada se encontrava, em poucas, mas sucintas palavras, alguma informação sobre esta grande figura.

Fotografias da autoria da nossa colega Norina Caçoilo complementavam a informação.

A seguir usufruímos de um “momento raro”: assistir a um filme da época, que é uma “memória” que fala por si.

Extraordinária e grandiosa romagem de Aveiro a Eixo, em 17.06.1934, para demonstrar a esta grande figura, “que se recusou a ser espectacular”, o apreço pelo seu valor, o agradecimento e o carinho.

Alguns dias depois da nossa visita, passando perto, voltei a entrar e fiquei contente por ver que havia, ainda, pessoas interessadas na informação exposta.

Pedi licença e...





Já agora, pensei: vou espreitar alguns livros deste escritor e não só.

Deixo-vos aqui algumas indicações, pelas quais os meus olhos passaram, num livro de Cruz Malpique - um ensaio sobre o escritor Jaime Magalhães Lima (1966):

- Era um esteta da língua.
- Tinha fina sensibilidade poética.
- Gostava do silêncio.
- Era um contemplativo.
- Amava as árvores e as flores – toda a Natureza.
- Era um curioso do Mundo e não viajava ao acaso.
- Como crítico salientava as qualidades e, pouco, os defeitos.
- Homem de austera educação moral.
- Humilde na morte, como na vida, deixou esta recomendação:

*Não usem luto pela minha morte; tudo e todos continuem como se vivo eu fosse.*

Num dos seus livros, uma frase destacou-se e deixou-me a pensar.

Com ela termino esta notícia.

*Ou somos todos ímpios, relativamente, ou a impiedade não existe.*

Para os curiosos:

Alguns livros de Magalhães Lima:

- *O Papa Perante o Século - O Ultra Montanismo*
- *O Amor das Nossas Coisas e alguns que o bem serviram* (1933)
- *Reino da Saudade* (1903)
- *Na Paz do Senhor* (1904)

*Maria José Sampaio*

## Breve reseña biográfica

Dr. Jaime Pinto de Magalhães Lima – Este ilustre aveirense, nació en la Parroquia de Vera Cruz el quince de octubre de 1859, en la Rua do Carmo. Era hijo de Don Sebastião de Carvalho Lima que se había casado en Rio de Janeiro con su madre, Doña Leocádia Pinto de Magalhães, que se supone ser portuguesa natural de Avintes.

Hizo sus estudios preparatorios en colegios de Aveiro y posteriormente ingresó en la Universidad de Coimbra, en donde cursó Derecho, terminando su carrera en 1888.

Viajó por casi toda Europa, llegando hasta Ismaia Poliana, en Rusia, adonde acudió para conocer al conde León Tolstoi, con quien pasó a corresponderse. Esta relación influyó decisivamente en el estilo de su vasta y profunda obra literaria.



Murió en su casa de la Quinta de San Francisco, en el cercano pueblo de Eixo, el veinticinco de febrero de 1936.

*Joaquim Carmona*

## O “Liceu” e a “Academia”

Na nossa Academia, funciona desde o ano passado a área de Filosofia, ministrada pelo professor Alcino Cartaxo.

Ora, recentemente, falou-se de novo das origens da Filosofia (mãe de todas as Ciências!) e dos seus primeiros mentores: os sábios gregos, Sócrates, Platão e Aristóteles.

E em sequência disso, foi feita uma breve referência aos termos “Liceu” e “Academia”.

E como “filosofia” significa “amar o saber” e como estamos numa Academia de Saberes, onde todos nós desejamos saber ou simplesmente lembrar alguns conhecimentos adquiridos no Liceu, lembro aqui, numa perspectiva de partilha de saberes, o significado dos termos “Academia” e “Liceu”

A palavra “Academia” deriva do grego “académós”. A “academia” era uma escola de Filosofia, fundada em Atenas, por Platão (428-347 a.C.), discípulo de Sócrates. A referida escola funcionava nos jardins de “Académós”.

A palavra “Liceu” tem uma origem semelhante. Relaciona-se com o nome de um dos ginásios de Atenas, em cujos jardins Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, ensinava Filosofia.

Por extensão, a sua escola passou a chamar-se de “Liceu”.

A escola aristotélica é também conhecida por “escola peripatética”.

*GM*

## English Club

**Come and practice English, once a month, with Anne Bartlett.**

No passado dia 23 de Outubro, realizou-se a primeira sessão do Clube de Inglês, deste novo ano lectivo de 2009/2010.

O tema proposto foi a visita à Escócia, feita por um grupo de academistas, no fim do passado mês de Julho, mas poucos compareceram por estarem ausentes nesse dia.

Contudo, os presentes conversaram sobre o referido tema e sobre outros temas que daí surgiram, tendo passado uma agradável hora de conversa. Afinal, aquilo para que se reuniram: praticar Inglês.

Após essa, não foi possível realizar outra sessão, devido à acumulação de acontecimentos nas sextas-



-feiras, o dia reservado aos clubes, mas esperamos continuar em Janeiro próximo.

*Anne e Lindonor*

## Autumn Festivals – Festivais Outonais

Desde a primeira segunda-feira de Agosto até ao Natal, não há feriados na Inglaterra, mas há festivais. O primeiro, no fim de Setembro/início de Outubro, nas igrejas e escolas celebra-se o Harvest Festival - Festa das Colheitas. Além de canções de gratidão pela colheita, são oferecidos bens nutricionais para distribuir às famílias pobres, aos idosos ou aos lares. Antigamente, estes eram mesmo os frutos, os legumes e o pão da colheita. Hoje em dia, as ofertas podem ser em lata ou em pacote. Os cabazes são levados para recipientes e, muitas vezes, as crianças vão aos lares de idosos e cantam para eles e conversam para tornar o dia mais alegre.

Da Festa de Halloween não vou falar. Não é como era, mas à maneira americana! All Saints Day, 1 de Novembro, é celebrado só nas igrejas, lembrando as vidas dos santos. Só os católicos é que vão aos cemitérios. All soul's day (Dia de todos as almas) também se celebra só nas igrejas para lembrar as pessoas que já morreram.

O dia 5 de Novembro é uma festa só da Inglaterra. Chama-se Bonfire Night - a noite das fogueiras, ou Guy Fawkes Night. E para comemorar o dia, há séculos, quando foi descoberto um plano para explodir uma bomba em baixo das Houses of Parliament, matando o rei e os deputados, os responsáveis deste plano foram apanhados e mortos, antes de poderem provocar a explosão. Nesta noite, há muito fogo de artifício e fogueiras. Queimam-se bonecos feitos de roupa velha, palha, etc, chamados guys, porque foi o Guy Fawkes o primeiro que foi apanhado. Quando eu era criança, estes festejos eram em casa, no jardim, mas hoje há grandes festas organizadas pelas escolas, escuteiras, lion's club, etc, porque agora há muito mais regras sobre a venda de fireworks. Normalmente, as pessoas pagam a entrada para assistir e o dinheiro é para ajudar a escola ou é para os necessitados. É típico comer batatas assadas e castanhas nesta noite.

O dia 11 de Novembro é um dia mais solene - Armistice Day -, quando são lembrados todos os combatentes mortos, principalmente nas guerras mundiais, mas actualmente em todas as guerras. São vendidas Poppies (papoilas) feitas de papel,

para angariar fundos para ajudar os antigos soldados que precisam de apoio.

Depois, vem o Inverno e o Natal

*Anne Bartlett*

## Cantinho da poesia

### Ausência

O silêncio  
Entre nós  
Aproxima a tua  
Ausência!  
Mas, a cada momento  
Faz notar  
A tua presença!

Toda a presença  
Traz a ausência!  
Todo o sofrimento  
Traz dor!  
Sinto que existes  
A cada momento  
Mas, estás ausente,  
Meu amor!

Sinto a tua voz  
A cada momento,  
Mas, não a ouço!

Sinto o teu olhar,  
A cada momento,  
Mas, não o vejo!

Dás-me beijos,  
A cada momento,  
Mas, não os sinto!  
Minhas mãos  
Procuram tuas mãos,  
A cada momento  
Mas, não se tocam!

Todas as lamentações do mar,  
Do vento, do céu, das aves,  
Das estrelas...  
Serão a tua voz presente  
A tua voz ausente...

*Isabel Maria*





## Comunicar

Comunicar!

Abrir as mãos  
E largar ao vento  
A força do nosso querer  
A chama da nossa paixão

Comunicar

Voar no pensamento  
Gritando ao mundo  
O calor de uma canção  
Aprender a não reter  
Passar de mão em mão  
Abraçar o mundo inteiro  
De peito aberto sem restrição  
Amar tudo o que existe  
Os seres as coisas  
A vida em oração

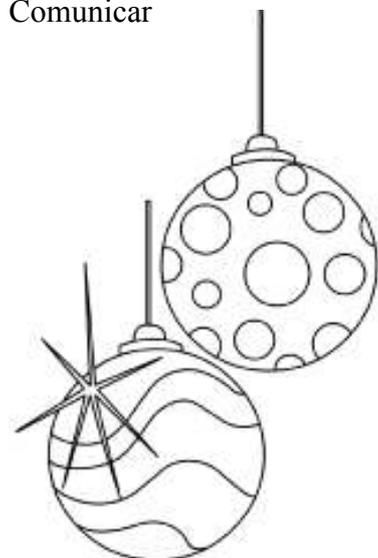
Espalhar ao mundo nebuloso  
Do amanhã

A esperança e a coragem  
Dos fortes dos destemidos  
Sempre sem descansar  
Abarcar o mundo  
Acordar p'ra vida  
O branco o preto o amarelo  
Todo o homem é nosso irmão

Comunicar

Sem desfalecer sem desanimar  
Cada por  
ta espera a luz  
Que há-de abrir de par em par

As almas de todos nós  
P'ra vida nova  
Que neste Natal  
Todos devemos construir  
Todos devemos  
Comunicar



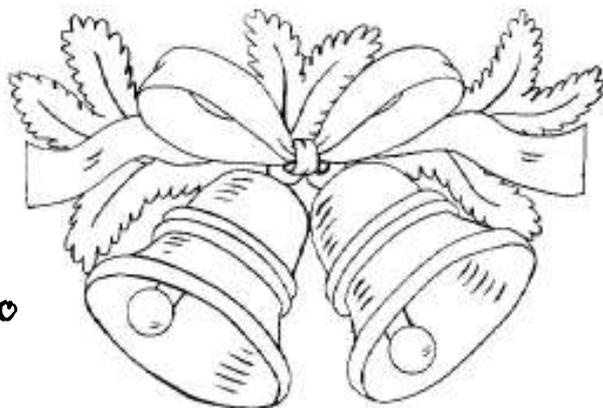
*Rosinda*

*Feliz Natal*  
e  
*Bom Ano Novo*

## Gente que passa

Gente que passa  
Na manhã fria  
Rumo ao trabalho  
Sem se deter;  
Lábios fechados  
Sem um sorriso,  
Almas fechadas  
P'ra ninguém ver.  
Lembram autómatos  
No seu andar,  
Ninguém tem tempo  
Nem para olhar.  
Carros correndo  
Sempre a apitar,  
Tudo tem pressa,  
É sempre a andar.  
E eu vou também  
Na onda humana  
Por entre a gente.  
Mas, de repente,  
Cortando o ar  
Ouço uma voz:  
“Olá, bom dia!”  
E nesse instante  
Tudo mudou:  
A manhã fria  
Ficou mais quente,  
Dentro de mim  
O sol raiou.  
Em meu redor  
A onda humana  
Continuou  
Rumo ao trabalho  
Sem se deter;  
Lábios cerrados  
Sem um sorriso,  
Almas fechadas  
P'ra ninguém ver.

*Maria Celeste*





## Onde?

Há 2009 anos  
 numa fria gruta,  
 que em Belém havia,  
 aconchegado pelos animais,  
 Tu nasceste, ó Filho de Maria!  
 Hoje que o homem já chegou à Lua  
 e domina a Terra e o espaço,  
 que sorte seria a tua?

No meio de guerras e violência,  
 entre tempestades de ódios  
 e grandes feitos da ciência,  
 mas num mundo sem paz,  
 sem fê nem humildade...  
 Onde nascerias Tu, ó Menino,  
 se a Tua mensagem só nos traz  
 amor que uns não querem,  
 verdade que outros não seguem?!

Quem atenderá Teus vagidos?  
 Os pobres, os velhos, os ignorantes?  
 Hoje que há ricos e sábios  
 que só aceitam a sua verdade,  
 a que lhes convém  
 p'ra encobrir sua falsidade?!  
 Onde nascerás, ó Deus Menino,  
 se todos querem ser grandes  
 e ninguém quer ser pequenino?  
 Onde, ó Deus Menino?

*Rosinda*

## Infinito no Amor

AMOR é dar aos outros nossa mão  
 Sem pensar em retorno, sem medida;  
 É olhar cada um como um irmão  
 Seguindo a lei de Deus na nossa Vida.

AMOR é caminhar em oração,  
 Olhar um filho nosso embevecida;  
 É ser o seu sorriso, o seu bordão,  
 Mesmo que a alma sangue dolorida.

AMOR é inventar felicidade,  
 É respeitar do outro a liberdade,  
 Sentir que não foi vão o nosso grito.

AMOR em cada dia é soletrar  
 As letras do Teu nome devagar  
 E em cada uma ler o Infinito!...

*Maria Celeste*

## Com palavras

Com palavras  
 soltas ao vento  
 navegando na espuma do mar  
 a quebrar na foz do rio  
 as correntes do nosso estar  
 e abanar todos os homens  
 todos sem cessar.

Desalojar os acomodados  
 que a palavra  
 fluida nas ondas  
 do mar da nossa vida  
 a todos deve acordar  
 pois na madrugada  
 do novo horizonte  
 vestida de azul celeste  
 a palavra a todos espera  
 a todos quer comunicar.

Que a vida  
 é para ser vivida  
 ser amada e espalhada  
 pelos quatro cantos do mundo  
 sempre gritada pela palavra  
 a palavra da mensagem  
 boa pura e bela  
 que teima na luta.

Por um mundo  
 sem guerra  
 sem violência  
 sem ódio nem desespero  
 um mundo de amor e paz  
 onde não governe  
 a lei da força  
 nem da opressão  
 mas a força da razão  
 banhada nas águas mágicas  
 de um bom coração.

*Rosinda*

